



DO MUDO AO FALADO: A TRANSIÇÃO CINEMATOGRAFICA E A PROPAGANDA ANTINAZISTA DE CHARLES CHAPLIN NO FILME *O GRANDE DITADOR*

Liliane Costa Andrade

Graduanda em História pela

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET História/UFS)

E-mail: liliane.costaandrade@outlook.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andreza Santos Cruz Maynard (CODAP/ProfHistória/UFS)
ST 7 - Mídias, Novas Tecnologias e Humanidades

A passagem do mudo para o falado

A era muda do cinema ficou marcada pelo desenvolvimento de grandes e importantes criações para a sétima arte. Após a invenção do cinematógrafo¹, várias pessoas passaram a investir nesta nova ferramenta de entretenimento. Georges Mèlies (1861-1938), por exemplo, através do emprego de técnicas do teatro e do ilusionismo, contribuiu na evolução do filme para uma linguagem mais artística. O francês ainda foi responsável pela criação da *Star Film*²

Também foi na França que o cinema sofreu uma das maiores revoluções de sua história. Após a criação da empresa *Pathé* por Charles Pathé (1863-1957), a produção de filmes começou a ser realizada em larga escala e o empreendimento passou a distribuir suas películas para todo o mundo. A partir disso, o cinema torna-se uma indústria e Pathé transforma-se no maior magnata da agora indústria cinematográfica do período. O novo negócio conquista muito sucesso, porém, com início da Primeira Guerra Mundial (1914), o empresário viaja para os EUA e só retorna à França, já abalada pelos efeitos do conflito, em 1917. Isso faz com que suas atividades fossem enfraquecidas.

¹ O Cinematógrafo, criado em 1895 pelos irmãos Lumière, era uma caixa de madeira equipada com uma lente em sua parte dianteira e uma manivela do lado direito. Além de leve e compacta, a caixa era, ao mesmo tempo, filmadora, copiadora e projetor. Cf. SABADIN, Ceslo. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 48.

² Foi o primeiro estúdio cinematográfico da Europa, construído no ano de 1897, em Montreuil. Cf. **IBIDEM**, p. 65.



Enquanto a França e toda a Europa sofriam com os efeitos da guerra, do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos investiam cada vez mais na produção e projeção de filmes. A Biograph e a Vitagraph foram, na época, duas grandes organizações empresariais do país especialistas em produzir filmes, evoluindo na técnica cinematográfica e revelando talentos como o cineasta David Wark Griffith, um dos responsáveis pela criação de Hollywood. Além disso, o período da guerra favoreceu diretamente para o nascimento dos grandes estúdios norte-americanos (Universal, Mutual - RKO, Paramount, Fox, United Artistis e Columbia), entre os anos de 1908 e 1918, contribuindo para a hegemonia dos EUA no mercado mundial.

A época do cinema mudo também foi responsável pela criação do primeiro longa-metragem, em 1906, na Austrália, e da maioria dos gêneros filmicos, tendo a comédia como o que mais se destacava e Charles Chaplin como um dos maiores astros. No Brasil, houve uma intensa produção cinematográfica durante este período; dentre elas se destaca o filme *Barro Humano* (1929), considerado um dos três mais importantes longas-metragens para o cinema mudo brasileiro, do jornalista e crítico Adhemar Gonzaga.

Durante o início dos anos 20, com a chegada do rádio e do automóvel, o cinema sente os efeitos de uma crise, causada pela queda da frequência de pessoas, que agora possuíam mais duas ferramentas para se entreter. O problema foi resolvido após a criação, pela Warner Bros, de um aparelho chamado Vitaphone e em 6 de outubro de 1927 foi exibido *O Cantor de Jazz*, primeiro filme que continha cenas falas. O sucesso da nova invenção marcou 1928 como o primeiro ano do cinema falado e *Lights Of New York* como o primeiro filme contendo a nova técnica. Apesar dos bons resultados trazidos pela invenção, as falas nas películas também trouxeram alguns problemas. “Astros e estrelas de vozes feias ou mesmo que não sabiam falar inglês viram suas carreiras desabar da noite para o dia” (SABADIN, 1997, p. 246).

Além disso, naquele momento, Hollywood já dominava o mercado cinematográfico mundial e seus filmes faziam sucesso em vários países. Porém, nem todos eles tinham o inglês como idioma oficial, o que consistia num dos grandes problemas não só para os norte-americanos, mas pra todos os que exportavam suas



películas. Isso porque, o público passou a exigir que os filmes fossem produzidos em suas respectivas línguas, a fim de entender os diálogos que os compunham.

A maneira encontrada pelos produtores do período para solucionar o obstáculo foi criar um sistema de dublagem. No caso dos norte-americanos, que eram o maior produtor do período, segundo Sadoul, “A dublagem permitiu que se considerasse a reconquista de mercados parcialmente perdidos, e a importação de filmes americanos dublados tornou-se nos tratados de comércio assinados em Washington uma verdadeira cláusula de estilo” (1983, p. 224).

Além disso, de acordo com Freire (2011), alguns países, a exemplo de França, Inglaterra e Itália, através de políticas protecionistas e regimes nacionalistas, criaram leis obrigando a execução da dublagem em seus territórios. No caso do Brasil, ainda segundo o autor, a legendagem era a prática consolidada na primeira metade dos anos 30. A dublagem só teve uma maior aceitação no final da década, após a criação do Departamento de Dublagem da Sonofilms, com a dublagem do filme de Walt Disney, *Branca de Neve e os sete anões*, feita por Moacyr Fenelon.

O surgimento do cinema falado, ao passo que ajudou a indústria cinematográfica a se recuperar da crise que sofria, acabou provocando uma série de pré-conceitos do público em relação ao cinema mudo, que passou a ter seus filmes vistos como chatos e mal feitos. Ademais, apesar da importância da nova invenção, alguns artistas se opuseram à nova técnica; um dos principais e mais determinados foi o renomado Charles Chaplin.

Charles Chaplin e O Grande Ditador

Chaplin nasceu na Inglaterra em 1889 e morreu em 1977, aos 88 anos. De família humilde, o artista iniciou sua carreira em 1897, ao entrar para uma trupe de dança. Sua estreia no cinema ocorreu em 1914, no filme *Making a Living*. Alguns filmes de grande sucesso da sua carreira foram *O Garoto* (1921), *Luzes da Cidade* (1931) e *Tempos Modernos* (1936); este último era completamente mudo e à época pareceu desatualizado e anacrônico (BAZIN e ROHMER, 1974). Em contrapartida, a película também foi uma forma de protesto contra o cinema falado, que, para Chaplin,



“[...] veio atrapalhar o corpo comunicante, o corpo como a mídia principal” (ARAÚJO, 2011, p. 93).

Utilizando-se da pantomima para encenar suas películas, marcadas pelo gênero da comédia, o ator e também diretor continuou resistindo a aplicar falas em suas produções. Isso porque, “Chaplin considerava desnecessária a presença deste elemento nos filmes, o encarando como redundante, visto que passava ao espectador a mesma informação que a imagem” (DALPIZZOLO, 2017). Desta forma, o diretor continua a estruturar seus filmes no estilo do cinema mudo.

Esta realidade muda em 1940, ano em que Charles Chaplin lança, após quase quatro anos sem produzir, o filme *O Grande Ditador*, mais um marcante na carreira do ator. Isso porque, além de ser a primeira obra em que ele fala, a produção tornou-se uma das primeiras e mais contundentes de propaganda antinazista. Na película, Chaplin faz uma sátira aos regimes ditatoriais da Europa, em especial ao nazismo.

Tal regime, liderado por Adolph Hitler, foi o principal responsável pelo início da Segunda Guerra Mundial, que começou em 1939 e perdurou até 1945. Trata-se um dos maiores conflitos do século XX e que “[...] se tornou um tema atraente para a produção cinematográfica do período” (MAYNARD, 2013, p. 8). No caso de Hollywood, vários foram os filmes produzidos que trouxeram não só a guerra, mas também aspectos relacionados ao seu contexto como principal temática.

Diante disto, ao idealizar a película, o intuito do ator era provocar risos, mas também despertar o lado mais humano e social do público diante do que acontecia na Europa. Chaplin tinha consciência de que seu filme seria severamente proibido na Alemanha, Itália e na União Soviética. Além disso, enquanto preparava o roteiro, foi pressionado por agentes diplomáticos alemães e por organizações fascistas dos EUA para desistir da produção (SOARES, 2008).

No exercício da função de diretor, Charles Chaplin se dedicava pessoalmente na idealização e produção de suas películas. Em *O Grande Ditador* não foi diferente. Ele foi responsável por escrever a história, os diálogos, dirigir a filmagem, compor o acompanhamento musical e os processos de corte, além de interpretar os dois protagonistas da trama (o judeu e o ditador), em 177 dias, conforme destacado pela



revista *A Cena Muda*³. A produção atingiu um valor de quase dois milhões de dólares e foi considerada uma das mais ambiciosas que Chaplin tentou⁴.

Além de *O Grande Ditador*, outros filmes de propaganda antinazista foram lançados antes do envolvimento direto dos Estados Unidos com os aliados, que só ocorre em 1941 após o ataque da Marinha japonesa à base norte-americana de *Pearl Harbor*. Um exemplo deles é *Confissões de Um Espião Nazista* (1939), não tão conhecido quanto a película de Chaplin, foi o primeiro filme antinazista hollywoodiano, lançado pela Warner Bros.

Conforme apontado por Maynard (2013), haviam motivações pessoais e ideológicas por trás dos produtores destes filmes, levando-os a criar e lançar essas películas antes de 1941. A autora destaca ainda o *Código de Hays*, documento de 1930, editado por William Harrison Hays, que continha um conjunto de normas para a produção fílmica do período e tentava manter assuntos políticos longe das películas norte-americanas, proibindo que estas representassem personagens ainda vivos. Diante do início da guerra estas normas se tornaram menos importantes levando Chaplin a violá-las através do filme *O Grande Ditador*.

O Grande Ditador: O Filme

O filme se inicia em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, na cidade fictícia da Tomânia. Jewish é um barbeiro judeu que combate em prol de seu país, apesar de demonstrar total despreparo para exercer a função de soldado. Após a invasão das tropas inimigas, o inexperiente guerreiro se perde de seus aliados e, acidentalmente, se infiltra em meio aos inimigos. Ao fugir, ele acaba refugiando-se em uma casa abandonada, onde socorre o aviador Schultz. Os dois fogem no avião G 3824 – R e, após várias manobras perigosas no ar, a aeronave cai. Já em terra, os dois são informados sobre a derrota da Tomânia na guerra.

Os acontecimentos que saparam as duas Grandes Guerras, a exemplo do

³ Revista *A Cena Muda*. n. 1105, p. 8, mai. 1943.

⁴ **IBIDEM.**



armistício; do internamento do barbeiro judeu Jewish, após o acidente de avião; da Grande Depressão; dos novos tumultos na Tomânia; e da tomada do poder pelo partido de Hynkel, são ilustrados através de uma sequências de cenas rápidas.

Neste momento, o diretor mescla imagens do filme com imagens reais e notícias de jornais que remetem a alguns destes episódios. Como destacado por Puccini (2009), a utilização de materiais de arquivo é um recurso adotado como forma de ilustrar eventos passados, tendo órgãos de imprensa, cinematecas e museus como fontes possíveis.

Na cena seguinte, com a câmera centralizada em frente a si, Hynkel, conhecido como “mãos de ferro”, efetua um energético discurso para uma multidão de pessoas. Um pequeno recuo realizado na máquina filmadora amplia a visão do cenário, composto por vários homens que trabalham para o ditador e marcado por três “Duplas Cruz”, símbolo do regime, pintadas numa parede ao fundo do palco.

Aparentando certa fúria, Hynkel proclama que a Tomânia arrastava-se, mas que agora se erguerá. O ditador profere frases como: “*A democracia está podre!*” e “*A liberdade é detestável*”. O comportamento e a entonação de voz do personagem durante o discurso transmite o seu completo descontrole. Este é o primeiro momento do filme, dentre vários outros, em que Chaplin satiriza o ditador nazista Adolph Hitler e seus seguidores.

Corte e em sequência, no gueto, Sr. Jaeckel conversa em sua pousada com Sr. Mann. Os dois demonstram preocupação após o discurso de Hynkel. Neste momento aparece Hannah, jovem moça, órfã, que mora de favor no estabelecimento. Ao sair para fazer uma entrega, ela se depara com soldados tomânicos fazendo algazarra pelas ruas. Ao enfrentá-los, é atacada por vários tomates levados de um pobre vendedor. “Os judeus não tinham liberdade de ir de vir e eram frequentemente vítimas de arbitrariedades e violências praticadas pelos soldados de Hynkel” (ARAÚJO, 2011, p. 97).

No hospital, dois médicos conversam sobre a situação de Jewish, quando são informados que o paciente fugiu. Internado desde o acidente de avião devido a uma amnésia, o rapaz não faz a mínima noção do que está acontecendo quando retorna a



sua barbearia, no gueto. Após se envolver em uma briga com dois soldados, que pintavam na faixa de seu estabelecimento a palavra JEW (Judeu), Jewish é preso; porém, ao ser reconhecido por Schultz, a quem salvou na Primeira Guerra, ele e seus amigos passam a ser protegidos do capitão.

Em seu palácio, o grande ditador Adenoid Hynkel recebe o marechal Herring, que o convida para o teste de um uniforme a prova de balas e de um paraquedas. Nos dois casos os objetos falham, manifestando a incompetência de Herring. De volta ao seu gabinete, Hynkel manda chamar Garbitsch para negociar um empréstimo com o banqueiro judeu Epstein e invadir Osterlich, antes que Napaloni (Mussoline) o faça. A fim de atingir seu objetivo, o tirano ordena que Schultz suspenda a perseguição aos judeus, até que o crédito seja negociado.

Corte e em sequência, na barbearia de Jewish, o Dr. Jaeckel estranha a calmaria no Ghetto e, já pensando no futuro, planeja uma possível fuga para Osterlich, que ainda é um país livre. Devido ao movimento fraco de homens, que encontram-se nos campos de concentração, Dr. Jaeckel incentiva o barbeiro a pentear mulheres e indica Hannah para uma possível tentativa. A moça, que ganha a vida lavando roupas, elogia a loja de Jewish e sonha em um dia ter a sua. O desejo de Hannah sinaliza a vocação dos judeus para o comércio, um dos motivos que fez despertar o ódio dos nazistas.

Em seguida, a jovem sai para comprar babatas, quando é ajudada pelos soldados tomânicos, ao tropeçar. Surpresa com a ação dos rapazes, que também cumprimentam o barbeiro, Hannah anseia o momento em que os judeus deixariam de ser odiados e não precisassem mais emigrar. Apesar de todas as perseguições sofridas, a moça declara seu amor pelo país.

De volta ao palácio, Hynkel recebe uma agente secreta, que lhe entrega alguns papéis a respeito de uma greve na fábrica de armas. Hynkel ordena o fuzilamento dos três mil funcionários envolvidos, mas é aconselhado por Garbitch, que aparentando total frieza, aconselha que o massacre não seja executado naquele momento, pois comprometeria a produção. Após Garbitch se retirar de seu gabinete, Hynkel, numa cena extremamente cômica, começa a manipular um globo mundial, até que o objeto



estoura em suas mãos, frustrando seus planos. A utilização de objetos como mapas e globos terrestres insinuam a obsessão nazista de expandir as fronteiras da Alemanha e dominar o mundo (MAYNARD, 2013).

Figura 1: Hynkel manuseando o globo terrestre



Fonte: CHAPLIN, Charlie. *The Great Dictator*. [Filme – vídeo]. Produção e direção de Charlie Chaplin. EUA, 1940. 1 DVD, 125 min., preto e branco, son.

Na barbearia, Jeswish atende um senhor, executando movimentos em sintonia com a música, uma característica dos filmes de Chaplin, que toca no programa de rádio *Hora Feliz*. Ao lado, na pousada, Sr. Jaekel e um convidado jogam dama quando o locutor do programa noticia o novo pronunciamento que Hynkel irá fazer. O rádio era um dos principais veículos de propaganda e de informação no período. No Brasil, por exemplo, os ideólogos estadonovistas viam na ferramenta a possibilidade de disseminar sua doutrina com maior facilidade (MAYNARD, 2013).

Devido à situação dos judeus, o banqueiro Epstein desiste de emprestar o dinheiro que seria necessário para a Tomânia invadir Ortelisch. Irritado com a notícia, Hynkel ordena que Schultz junte a milícia e reinicie os ataques ao gueto. O comandante, aparentemente preocupado com a integridade de Jewish e seus amigos, tenta convencer o ditador a desistir da ideia, alegando a má impressão que isto causaria ao país, e acaba sendo mandado a um campo de concentração.

Nas ruas do gueto, ecoa das caixas de som, ligadas aos postes, o enfurecido pronunciamento de Hynkel aos israelitas. Pavorosas, as pessoas correm para suas



casas e a tranquilidade dá lugar ao medo. Ao saberem que seu comandante havia sido preso, acusado de traição, os milicianos destroem a barbearia de Jewish, o acusando como pivô da prisão.

Após intensas buscas, Schultz e Jewish são capturados e presos em um campo de concentração. Já o Sr. Jackel e sua família, além de Hannah, fogem para Osterlich, que ainda é um país livre. Num banquete com os principais componentes de sua equipe, Hynkel, que comemorava a solução encontrada pelo marechal Herring para invadir Ortelisch, recebe a notícia de que Napaloni já havia mobilizado 60.000 homens para a fronteira do país, passando à sua frente. Ciente de que já tinha conhecimento do que acontecera, Napaloni liga para o ditador tomânico e é convidado para conversar pessoalmente.

Milhões de cidadãos tomânicos aguardavam na estação a chegada Benzino Napaloni, conhecido como ditador da Bactéria. Benzino Napaloni refere-se a Benedito Mussoline, líder da Itália fascista e um dos principais aliados de Hitler na Segunda Guerra. Já no palácio, os dois líderes vão à Biblioteca do Imperador para barbearem-se. Esta passagem, denominada por Araújo (2011) como “dança das cadeiras” é, segundo o autor, uma das cenas imortais que o filme apresenta. Sempre que estão juntos, a película destaca o sentimento de superioridade que um possui em relação ao outro e, neste momento, “[...] o filme ridiculariza o desejo de poder dos ditadores” (MAYNARD, 2013, p. 185).

Corte e mais uma vez os tiranos aparecem no estádio Hynkel, a fim de assistirem um desfile militar. No evento, o exército da Tomânia exhibe seus tanques de guerra, que são motivos de orgulho para o país e representavam a última novidade de armamento moderno. Vale ressaltar que os tanques foram uma invenção dos norte-americanos no fim da Primeira Guerra Mundial, essenciais para a vitória dos aliados naquela ocasião.

De volta ao palácio, onde está sendo promovido um baile, Hynkel tenta convencer Napaloni a retirar suas tropas das fronteiras de Ortelisch. Numa sala reservada, os líderes tentam negociar um possível acordo em relação à invasão do país, mas a conversa termina de maneira desastrosa, evidenciando que a vaidade, a



ambição e os interesses pessoais de ambas as partes eram mais gritantes que a aparente amizade existente entre eles. No fim, Hynkel assina um tratado se comprometendo a não invadir o território, porém, já planeja descumprir o acordo assim que as tropas de Napaloni se retirassem.

No campo de concentração, Schultz e Jewish se caracterizam com uniformes de oficiais para conseguirem fugir. No mesmo instante, Hynkel prepara-se para invadir Ortelisch. Ao disparar acidentalmente, devido à presença de indefesos patos, o tirano chama a atenção de soldados que estavam à procura dos dois fugidos. Devido à grande semelhança física, o ditador tomânico é confundido com o barbeiro judeu e acaba sendo preso.

Da mesma forma, no vilarejo de Pretzellerber, fronteira com Ortelisch, Jewish é confundido com Hynkel. O barbeiro e Schultz continuam a disfarçar-se e iniciam a invasão ao país. Paralelamente, as notícias dos jornais informam sobre a crescente perseguição aos judeus no gueto. Em Ortelisch, Hannah grita o corre desesperadamente para avisar ao Sr. Jaeckel e sua família sobre a chegada das tropas de Hynkel. Com o país já dominado, várias pessoas aguardam o pronunciamento do ditador, mas quem está em seu lugar na verdade, é um judeu.

Garbitsch é o primeiro a se manifestar. Numa fala curta e extremamente totalitária, o Ministro do Interior e da Propaganda da Tomânia declara que a liberdade, a democracia e a igualdade são palavras que abusam do povo e estes, por sua vez, deveriam servir aos interesses do Estado. Inflamado pela fúria aos judeus, o oficial insulta os arianos a odiar e menosprezar aquele povo, que agora teriam seus direitos perdidos. Encerrando sua participação, ele convida o ditador Hynkel para proferir seu discurso.

Tomado pelo medo, mas também pela coragem, Jewish, que ocupa o lugar do ditador, se dirige aos microfones e àquela multidão, transmitindo uma mensagem de amor ao próximo; de tolerância ao ser humano, independente de sua raça; de esperança por um mundo sem ódio, sem menosprezo e sem rancor. Uma mensagem de conforto a todos aqueles inocentes que pagavam o preço das atrocidades de um regime bárbaro e intolerante.



Neste último momento do filme, é possível perceber que não se trata mais do personagem Hynkel ou do personagem Jewish. Trata-se de Charles Chaplin, um ser humano que não concordava com o que estava presenciando, e que utilizou sua arte e seu ofício para expressar o que pensava e denunciar os regimes ditatoriais europeus, em especial o nazismo. De acordo com Araújo (2011, p. 102) “O ataque à França deu-lhe ânimo para escrever um discurso pela paz se pela razão”.

Figura 3: Charles Chaplin proferindo seu discurso



Fonte: CHAPLIN, Charlie. *The Great Dictator*. [Filme – vídeo]. Produção e direção de Charlie Chaplin. EUA, 1940. 1 DVD, 125 min., preto e branco, son.

A comédia, que também possui um toque dramático, tem suas cenas montadas de maneira a atender o principal objetivo de seu diretor: satirizar a figura dos ditadores da Europa, principalmente a de Adolph Hitler. A maior parte da trama se desenrola em dois principais cenários. O gueto, bairro simples judeu no qual estão localizadas a barbearia de Jewish e a pousada do Sr. Jaeckel; e o palácio de Hynkel, local amplo e luxuoso, marcado em todas as partes pela “Dupla Cruz”, símbolo do regime tomânico, de onde o ditador tomava suas decisões.

Na película, os nazistas são representados como pessoas descontroladas, frias, ambiciosas, incompetentes, desonestas e covardes. Já os judeus, caracterizam-se como sendo trabalhadores, corajosos, valentes e dispostos a enfrentar as dificuldades em prol de sua liberdade e dignidade. “O filme é maior duelo da história entre o Vagabundo e grande ditador Adolf Hitler, o chefe da Alemanha” (ARAÚJO, 2011, p. 99).



Num momento de apreensão diante dos acontecimentos que se desenrolavam com a guerra, a película foi produzida com o intuito de divertir, mas também de chamar a atenção das pessoas em relação ao perigo que aqueles regimes representavam. De acordo com a opinião do próprio Chaplin, “a sátira é a melhor arma contra os ditadores”⁵. Desta maneira, *O Grande Ditador*, além de marcar a adesão do famoso ator do cinema mudo ao cinema falado, tornou-se um dos maiores filmes antinazistas norte-americanos lançados durante o conflito.

Considerações finais

A película foi lançada no cinema em 15 de outubro de 1940. No Brasil, a produção só foi veiculada em agosto de 1942. Sua estreia ocorreu nos cinemas S. Luiz, Carioca e Vitoria, que utilizou o filme para marcar a sua inauguração, localizados no Rio de Janeiro. Em cidades mais afastadas da capital do país a produção demorou um pouco a chegar. Em Aracaju, por exemplo, o filme só foi exibido pela primeira vez no dia 9 de dezembro de 1942, no *Cine Guarany*.

A produção foi bem recebida pela crítica. Em 1941 a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, responsável pela premiação do Oscar, indicou *O Grande Ditador* na categoria de melhor filme e Charles Chaplin entre os melhores astros de 1940. Apesar de não terem sido escolhidos para ganhar a tão cobiçada estatueta, a indicação ao prêmio revela que tanto a película, quanto o ator foram grandes destaques em 1940.

No Brasil, o filme foi avaliado por *A Cena Muda*, uma das maiores revistas especializadas em assuntos cinematográficos do país, como sendo “ótimo”, a cotação máxima que era estabelecida; além disso foi considerado o segundo melhor filme de 1942. De acordo com o periódico⁶, além de inteligente, *O Grande Ditador* representava a melhor sátira dos últimos anos, confirmando as qualidades de cineasta que Charles Chaplin possuía.

⁵Revista Cinearte. n. 559, p. 16, mai. 1942.

⁶Revista A Cena Muda. n. 1116, p. 20, ago. 1942.



Entre o público, a recepção à sátira aos regimes totalitários da Europa também obteve êxito. Após algumas apurações realizadas entre os leitores da revista *A Cena Muda*, os resultados alcançados foram: melhor filme, na 9ª colocação, com 522 votos, dentre 15 filmes; melhor comédia, ocupando a 3ª colocação, com 831 votos, dentre 5 filmes; e melhor antinazista, ficando na 4ª colocação, com 495 votos, dentre 5 filmes.

A partir destas considerações, é possível perceber que, apesar de desafiar os ditadores europeus e de descumprir as regras da censura norte-americana, *O Grande Ditador* conseguiu alcançar bons resultados no que diz respeito à sua recepção, agradando tanto à crítica quanto ao público, além de contribuir com os Estados Unidos para o combate ao regime nazista.

Bibliografia

BAZIN, André; ROHMER, Eric. **Charlie Chaplin**. Prólogo de François Truffaut. Valencia: Fernando Torres Ed., 1974.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013.

CRUZ, Andreza Santos. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo** vol. 2. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. O Filme Confissões de um Espião Nazista e o Antinazismo nas Telas Aracajuanas. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p. 117-145.

SABADIN, Ceslo. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. A radiofonia sergipana. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNRAD, Andreza Santos Cruz (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

DALPIZZOLO, Daniel. **Cinema Mudo**. Disponível

em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/arte/cinema-mudo>>. Acesso em: 12 maio 2017.



SOARES, Eduardo de Souza. *A máscara e o rosto de Chaplin: o anticomunismo na repercussão da filmografia de Carlitos em Porto Alegre (1936-1949)*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre. 2008.

SADOUL, Geroges. O advento do cinema falado. In: SADOUL, Geroges. **História do Cinema Mundial: das origens aos nossos dias** vol. 1. Lisboa: Livros Horizonte, 1983, p. 215-224.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. - 5ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ARAÚJO, Marlson Assis de. Cinema e Imaginário em Charles Chaplin. **REVISTA LUMEN ET VIRTUS**. São Paulo, v. 2, n. 5, p. 71-108, set. 2011.

FREIRE, Rafael de Luna. “Versão brasileira” - Contribuições para uma história da dublagem cinematográfica no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. *Ciberlegenda*, p. 7-18, 2011.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **Revista Digital de Cine Documentário**. Covilhã, n. 6, p. 173-190, ago. 2009.

Fontes

Revistas

A Cena Muda. Rio de Janeiro. 1939, 1942 e 1943.

Cinearte. Rio de Janeiro. 1942.

Filme

CHAPLIN, Charlie. *The Great Dictator*. [Filme – vídeo]. Produção e direção de Charlie Chaplin. EUA, 1940. 1 DVD, 125 min., preto e branco, son.